

## Imaginário sobre corpos desviados no jornal *Folha Universal*

WELLTON DA SILVA DE FATIMA

Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense  
(LAS/CAPES). e-mail: welltonsilva@id.uff.br

### INTRODUÇÃO

**E**ste trabalho se fundamenta no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa inaugurada a partir dos estudos de Michel Pêcheux. A proposta principal é produzir uma reflexão sobre o imaginário que se constitui sobre corpos não heterossexuais e não cisgêneros, o qual se materializa nos dizeres da coluna “Antes e depois” do jornal *Folha Universal*, tendo pressupostas as noções do funcionamento discursivo do/no religioso na mídia quando os temas em questão são gênero e/ou sexualidade.

Para tanto, fazemos uma breve discussão sobre o funcionamento do discurso religioso e da religiosidade na mídia, trazemos algumas questões sobre as igrejas neopentecostais, especificamente sobre a Igreja Universal do Reino de Deus e sua crescente apropriação das mídias. Em seguida, destacamos alguns elementos que contribuem para a reflexão a respeito do gênero e sexualidade em uma perspectiva discursiva. Finalmente, procedemos à análise do *corpus*, o qual se constitui de enunciados recortados de uma edição do jornal *Folha Universal*, da Igreja Universal do Reino de Deus, em que se tematizam gênero e sexualidade em forma de narrativa e de relato de experiência.

### REFLEXÕES ACERCA DO OBJETO

#### 1. A IGREJA E O JORNAL

A *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD) pode ser considerada uma fiel representante da corrente cristã neopentecostal brasileira, não somente por ser a primeira igreja no país a se caracterizar de acordo com essa nova proposta de relação com o divino, mas por ser, ainda hoje, uma das maiores instituições religiosas do país ainda em potencial de crescimento.

A igreja dispõe atualmente de diversos canais de mídia dentre os quais destacamos o Jornal *Folha Universal*, objeto de nosso estudo, canais de rádio, e até uma emissora de TV aberta, a *Rede Record*, que, embora não esteja registrada no nome da IURD, tem como dono Edir Macedo, o principal nome e maior autoridade religiosa da instituição.

Entendemos, a partir disso, que a IURD considera as mídias importantes no seu fazer religioso que, por sua vez, consiste na prática da evangelização: “todas as pessoas do mundo têm que conhecer a Palavra de Deus”. A comunidade religiosa se amplia na medida em que se conquistam mais fiéis, seja tendo a mídia como ferramenta, seja pelo corpo a corpo nas ruas, por exemplo, em que os fiéis procedem à distribuição das edições semanais do jornal somado a um convite de visita à IURD mais próxima.

Essa relação com as mídias, no entanto, não se inaugura com a IURD. É possível afirmar que a relação de que tratamos encontra uma memória na Reforma Protestante como *acontecimento discursivo*<sup>1</sup>. Basta lembrar que popularizar a leitura da Bíblia (entendida aqui como uma entrada para a ampla comunicação) era um dos carros-chefes do movimento que inaugura as igrejas evangélicas, como hoje são compreendidas.

A respeito disso, afirma-se que

a história dos evangélicos está ligada, desde o seu início no século XVI, mais que a dos católicos romanos, às novas tecnologias de comunicação social. Surgindo como uma força minoritária dentro do campo religioso católico romano, e aliados à modernidade, os evangélicos precisaram criar, desde cedo, estratégias para ganhar adeptos e aumentar seu rebanho na guerra contra outras modalidades de cristianismo [...] (Campos, 2003, p. 148).

O jornal *Folha Universal*, portanto, se constitui como um desses meios pelos quais a IURD pretende disseminar a sua doutrina e angariar mais fiéis para suas igrejas.

A prática da evangelização é o meio pelo qual os fiéis tomam as ruas para falar ao próximo a Palavra de Deus. A Palavra a ser entregue, tradicionalmente, no meio cristão, vem adjunta a uma forma impressa: um panfleto ou um santinho. Compreendemos que o jornal funciona como uma espécie de panfleto, pois é durante as evangelizações nas ruas e nas portas das igrejas que ocorre a sua distribuição de maneira gratuita e deliberadamente relacionada a difundir as ideias da

---

<sup>1</sup> Pêcheux (2015 [1983]) define essa noção como o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (p. 16). Para nós, a Reforma Protestante irrompe deslocando o funcionamento do religioso e possibilitando novas discursividades.

igreja, aquilo que ela prega.

Muitos estudos em Análise de Discurso têm se dedicado à compreensão do discurso jornalístico em suas modalidades. Destacamos, para auxiliar na reflexão pretendida, um deles pela importância e atualidade que a ele se pode conferir. Nele, Mariani (1996) discute a relação entre narrativa, memória e discurso jornalístico com o intuito de observar a eficácia dessa relação no âmbito do político a respeito do comunismo e dos comunistas.

Sobre essa modalidade de discurso, a autora diz que “[...] o discurso jornalístico, enquanto forma de manutenção de poder, atua na ordem do cotidiano, pois além de agendar campos de assuntos sobre os quais os leitores podem/devem pensar, organiza direções de leituras para tais assuntos” (Mariani, 1996, p. 106). Para a autora o poder de que se fala é, em grande medida, o poder político. Para nós, sobretudo, esse poder está relacionado a certo estatuto pelo qual se busca atualizar a veracidade da narrativa religiosa e dos riscos (por parte dos sujeitos) da não adequação à doutrina que se prega.

O jornal *Folha Universal*, nessa perspectiva, funciona organizando os assuntos e as direções desses assuntos para o seu leitor. Resta dizer que o leitor cotidiano desse jornal possui uma relação de identificação com ele: pode ser um fiel da própria IURD, ou de outras igrejas, ou alguém interessado em conhecer/seguir a doutrina religiosa.

A IURD mantém por meio do jornal e de outras mídias uma relação pela qual se presentificam para os fiéis/leitores a narrativa religiosa e os valores morais da igreja sem, no entanto, precisar obrigatoriamente enunciar a questão religiosa. Desse modo, o jornal versa sobre muitos assuntos, dentre eles, moda, vida cotidiana, tecnologia e artes. No entanto, os dizeres que circulam nessas notícias, artigos etc., embora não enunciem de forma explícita a lógica religiosa cristã, também não a confrontam – resguardadas as contradições.

Isso nos faz compreender que a identificação que se dá entre o leitor e o jornal ocorre por vias da prática da evangelização. Não obstante, essa prática se encontra diluída nos dizeres ali enunciados, tal como é pressuposto no funcionamento do discurso jornalístico.

No dia-a-dia, o leitor comum nem sempre tem como perceber os processos de filiação de sentidos, i. e., os deslocamentos e re-alojamentos de memória, reforçando a ilusão de unidade e transparência na relação das multiplicidades do presente e das indicações do que pode vir a ser (Mariani, 1996, p. 106).

Os dizeres do jornal funcionam ideologicamente inscritos no domínio do religioso, embora seu funcionamento seja imaginariamente projetado como o discurso jornalístico, igualmente autoritário em sua tipologia (Orlandi, 1987), em que

fala a voz do especialista, portanto, incontestável. Nesse caso, o especialista (a colunista do jornal) também fala em nome de Deus, pois fala em nome da IURD que, por sua vez, se apresenta como representante do divino no plano temporal.

Sobre os temas abordados pelo jornal, interessa-nos especificamente o momento em que se enuncia sobre gênero e sexualidade – questões contra as quais a religiosidade, principalmente a cristã, historicamente tem se colocado, em virtude de sua moralidade específica. Sem a pretensão de recuperar a forma como essa relação se deu na história, contentamo-nos em salientar na análise alguns pontos, para nós, importantes.

Partiremos do pressuposto de que a relação entre Igreja e sexualidade não se dá de forma harmônica, mas marcada por um confronto ideológico acentuado e não menos contraditório. É dessa forma também que a sexualidade aparece enunciada no jornal *Folha Universal*.

Ao colocar a sexualidade como tema, mesmo sendo um tabu histórico no âmbito do religioso, o jornal atua no direcionamento dos sentidos, organizando-os sob a lógica pela qual funciona a instituição religiosa que assina o folhetim, no caso, a IURD. Essa organização, no entanto, não se dá de forma neutra, ela é parte integrante da leitura possível, já que atua nos processos de circulação dos sentidos. A respeito desse processo, destacamos que

encontra-se, no discurso jornalístico, uma discursivização do cotidiano que se apaga para o leitor [...] e é nesta discursivização – um falar *sobre* de natureza institucional – que os mecanismos de poder vão tanto distribuindo os espaços de dizeres possíveis como silenciando, localmente, o que não pode e não deve ser dito. (Mariani, 1996, p. 106).

Ao organizar esses mecanismos do que pode e não pode ser dito, consequentemente o jornal atua ainda no estatuto da relação com os objetos simbólicos que os fiéis, na condição de leitores, mantêm no fazer da interpretação.

É dessa forma que buscamos compreender os pontos aqui levantados em uma edição do Jornal *Folha Universal*, na qual há uma matéria específica em que os sentidos sobre gênero e sexualidade se inscrevem. Antes disso, no entanto, traremos alguns pontos que interessam a este trabalho no que se refere às questões de gênero e sexualidade sob o ponto de vista discursivo.

## 2. OS CORPOS: O GÊNERO E A SEXUALIDADE

Trabalhamos a noção de corpo na perspectiva da interpretação, isto é, de como um determinado corpo e suas características, inscrito em uma rede de me-

mória, é capaz de produzir significação sendo, portanto, um objeto simbólico passível de ser interpretado. Tal como são pensados os conceitos, por exemplo, de língua, de gestos e até de voz na Análise de Discurso, refletimos sobre o corpo em seu aspecto material, bordado pelo simbólico e passível de significância.

Compreendendo que a formação social em que estamos inscritos é majoritariamente constituída pela ótica da heterossexualidade e da *cisgenereidade*<sup>2</sup>, e que essas, pela forma como a história se inscreve, se apresentam como normas sociais a serem seguidas, partimos do pressuposto de que os corpos dos sujeitos, no exercício de sua sexualidade, se constituem em relação à *heteronormatividade*: identificando-se com ela, ou rompendo, ainda que minimamente, com seu modo de operar. Na perspectiva da Antropologia, Foster (2001) diz que

por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (p. 19 *apud* Miranda, 2010).

No esquema posto pela heteronormatividade excluem-se muitas das possibilidades de vivência da sexualidade e de relação com a identidade de gênero que possa existir para o sujeito. Ela pressupõe a lógica binária de gênero, segundo a qual homem e mulher são categorias estanques, defendendo que no caminho entre essas categorias não há possibilidades outras.

Essa lógica binária é também dada a partir de efeitos de sentido, ou seja, a diferença entre os gêneros é construída discursivamente, “efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório” (Zoppi-Fontana, 2013) e é também através desse complexo e contraditório modo pelo qual os sujeitos são interpelados que refletimos sobre os sentidos produzidos no que se refere à sexualidade.

Há, no funcionamento das instituições, defesas deliberadas da hegemonia da heterossexualidade. Compreendemos, portanto, que as instituições, tais como as igrejas, que aqui mais nos interessam, se constituem a partir de um regime heterossexista, isto é, funcionando pela manutenção da heterossexualidade como sentido hegemônico no que se refere ao desejo sexual.

---

<sup>2</sup> Um termo relativamente novo nos estudos de sexualidade que está sendo utilizado para designar pessoas não transexuais. Aquelas cujo gênero está identificado com o sexo de nascimento.

Esse regime [de gênero das sociedades ocidentais contemporâneas] é heterossexual, e implica coerção, condicionamento, repressão a partir do momento em que se acha ameaçado. As instituições velam por ele, chamando, segundo os casos e os momentos, de “pecado”, “crime”, “doença mental”... O feminismo do final do século XX resume tudo isso com a palavra “heterossexismo” (Bard, 2013, p. 140, colchetes nossos).

Derivando do modo como se compreende a construção discursiva dos sentidos sobre as identidades de gênero e sobre as sexualidades, postulamos que há, na perspectiva do trabalho simbólico de interpretação, o funcionamento eficaz de um imaginário que, ao longo da história, vai se constituindo sobre os corpos dos sujeitos. Os corpos em sua materialidade e dissintonia, portanto, são elementos importantes para a compreensão de como um determinado sujeito é significado em determinada formação social. Se, por um lado, esse imaginário se projeta sobre os sujeitos heterossexuais e cisgêneros de maneira heterogênea, como se daria essa projeção imaginária sobre aqueles corpos que funcionam segundo uma lógica afastada do semanticamente estável, convocando para a interpretação um sentido que era, até pouco tempo, imprevisível?

Para refletir um pouco sobre o objeto que propomos analisar, é necessário retornar a alguns elementos que remontam aspectos da constituição dos sujeitos não heterossexuais e não cisgêneros e, ainda, dos sentidos sobre eles/elas.

Alguns autores têm se dedicado à questão da sexualidade na perspectiva discursiva, dentre eles, é possível destacar, para o entendimento de uma história recente, Ferrari (2006), analisando o imaginário sobre os homossexuais nas revistas em uma pretensa relação com a AIDS.

O autor diz que “naquela década, para se falar do sujeito homossexual e do seu estilo de vida, falava-se, necessariamente, em doença, em pecado e em crime” (Ferrari, 2012, p. 10). Essa época são os anos 1980, período ao qual o autor se dedica a analisar.

Compreendemos que essas dimensões que aponta Ferrari (a da doença, a do pecado e a do crime) funcionam discursivamente através de uma memória que constitui o imaginário do que é ser homossexual. A medicina, a religião e o jurídico, respectivamente, são discursos pelos quais os corpos não-heterossexuais ganham significação.

O imaginário de que falamos se constitui na contradição da lógica binária de gênero que, por sua vez, se constitui na ilusão da homogeneidade do que é ser um homem ou uma mulher e, ainda, na ilusão de que não há nada para além dessas duas possibilidades.

No entanto, na forma como são discursivamente construídas as posições de homem e mulher há elementos para refletir sobre como outras manifestações de

gênero e sexualidade podem ser significadas, ditas ou mal ditas. Bard (2013), ao refletir sobre a virilidade no espelho das mulheres, diz que “sua eficácia (a do espelho) repousa na interiorização precoce das normas de gênero, que modelam em seguida o desejo” (Bard, 2013, p. 116). Nesse sentido, embora orientação sexual e identidade de gênero sejam questões distintas e independentes uma da outra, no imaginário que se tem sobre gênero e sexualidade elas se constituem juntas e são interdependentes, de acordo com o modelo hegemônico cisgênero e heterossexual.

Todavia, sendo a sexualidade uma das formas pelas quais o desejo se coloca em prática, no decorrer da história há deslocamentos na maneira de pensá-la que advém da percepção de outra posição, da insurgência de novos sentidos possíveis. Essas novas possibilidades de significar o corpo surgem, em grande medida, a partir dos movimentos de mulheres que colocam no âmbito do público e da discussão coletiva a pauta dos seus corpos e de sua sexualidade. “No final do século XX, uma outra maneira de ver o gênero – que se torna conceito central do pensamento feminista – aparece: dissociando mais fortemente do que no passado o sexo e o gênero, assim como o sexo e a sexualidade [...]” (Bard, 2013, p. 117).

É perpassando esses movimentos, então, que vão se tornando possíveis outras maneiras de se perceber o gênero e a sexualidade para além da determinação da medicina, do jurídico e do religioso. No entanto, os sentidos sobre a doença, a criminalidade e o pecado, conforme demonstramos na nossa análise, continuam constituindo o imaginário do que é estar fora da lógica heteronormativa.

Tendo exposto algumas breves reflexões iniciais acerca da nossa abordagem do gênero e da sexualidade em uma perspectiva discursiva, explicitaremos o aparato teórico-metodológico pelo qual propomos esta análise.

#### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A Análise de Discurso, conforme expõem seus principais teóricos, é uma disciplina que se constitui no entremeio das ciências humanas e sociais, mobilizando três regiões do conhecimento (Linguística, Marxismo e Psicanálise), em prol de uma nova proposta de leitura na qual há um deslocamento de algumas concepções, tais como língua, sujeito e história. Conforme disserta Mariani (1996),

a AD se propõe a discutir e a definir a linguagem e a natureza da relação que se estabelece com a exterioridade, tendo em vista seu objetivo principal de compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos na perspectiva de uma semântica de cunho materialista (Mariani, 1996, p. 21).

A língua, portanto, é pensada a partir de sua relação com aquilo que vem

da história, ou seja, como os sentidos são produzidos e inscritos em uma determinada materialidade. Essas noções são atravessadas pela psicanálise no sentido de propor conceitos que pressuponham o funcionamento do inconsciente. Para a Análise de Discurso não há um sujeito pleno, dono de seu dizer, pois este é afetado pela instância do inconsciente.

Ao colocar-se na perspectiva materialista, a teoria também trabalha com a noção de interpelação pela Ideologia, conforme propõe Althusser (1974). Pêcheux, em seu esforço teórico, trabalha a noção de Ideologia como estrutura-funcionamento, fornecendo para o sujeito as evidências na construção dos sentidos. De acordo com o autor:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais 'todo mundo sabe' o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc... evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' e que mascaram, assim, sob a 'transparência da linguagem' aquele que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (Pêcheux, 1995 [1975], p. 160).

É através do funcionamento da Ideologia que “todo mundo” sabe o que é, por exemplo, um homem e uma mulher. É dessa forma que a noção de discurso, à diferença de outras disciplinas de interpretação, se define como “efeitos de sentidos (e não transmissão de informação) entre os interlocutores” (Pêcheux, 2014 [1969], p. 82). Orlandi, relendo Pêcheux (1988 [1975]), diz que “essa relação se complementa com o fato de que [...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Orlandi, 2013, p. 17).

Nessa proposta de leitura, somos levados a pensar, mediante a interpelação pela ideologia, sobre o estatuto da interpretação. A respeito disso, Orlandi diz que

o fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? (Orlandi, 2013, p. 45).

Dentre diversos conceitos e noções importantes, destacamos algumas que serão preciosas para a reflexão que pretendemos. Ainda sobre a Ideologia, a Análise de Discurso compreende que seu funcionamento também se dá em caráter “regional”, em sua concretude, através das formações ideológicas.

Compreende-se, então por que em sua materialidade concreta, a instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas* [...] que, ao mesmo tempo, possuem

um caráter 'regional' e comportam posições de classe: os 'objetos' ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a 'maneira de se servir deles' – seu sentido [...] (Pêcheux, 1995 [1975], p. 145).

As formações ideológicas, portanto, organizam a forma concreta do funcionamento da Ideologia. Afetados pela ideologia no nível regional das formações ideológicas, os sujeitos podem ou não, por exemplo, identificar-se com outras formas de expressão do gênero para além de homem e mulher, a depender de como se constitui essa lógica em sua formação social.

Outra noção importante é a de formação discursiva, compreendida como em consonância, no nível do discurso, das formações ideológicas. Pêcheux define essa noção como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo espaço da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]” (Pêcheux, 1995 [1975], p. 160).

Também é cara ao nosso trabalho a noção de formações imaginárias, pela qual estão projetadas as relações de sentido, de força e os mecanismos de antecipação. Dessa noção, operando junto ao conceito de tipologia discursiva (Orlandi, 1987), observamos sobretudo as relações de força, através das quais “podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2013, p. 39).

Dessa forma, e visando uma proposta de leitura que vá além do conteúdo, nos colocamos diante dos corpos como objetos simbólicos e, portanto, passíveis de se inscreverem em redes de memórias e serem interpretados. Aliás “[...] a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2013, p. 26). Investigamos a questão do trabalho simbólico principalmente no que se refere ao caráter material da linguagem, ou seja, através dos enunciados, afinal “a língua, do ponto de vista da AD, constitui a base material de processos discursivos, que [...] são processos de produção de significação fortemente articulados com processos sócio-históricos” (Mariani, 1996, p. 29).

Amparados pelo aparato teórico sobre o qual discorreremos, ainda que brevemente, passamos à nossa análise.

#### ANÁLISE: CORPOS DESVIADOS E O IMAGINÁRIO POSSÍVEL NA MÍDIA PELO DISCURSO DA IURD

Corpos desviados, para nós, são aqueles cujos gestos, expressões e performances não se inscrevem em uma rede de memória própria de uma formação social majoritariamente cis/heteronormativa e identificada com a lógica binária de gênero. Ou seja, são corpos desviados do padrão de identidade de gênero e de

orientação sexual, constituídos fora da ilusão de que não há possibilidade de sentido no caminho, historicamente apagado, entre o feminino e o masculino e vice-versa.

A questão que nos move ao analisar a matéria “Eu agia como um homem para me sentir segura” da edição 1150 do Jornal *Folha Universal*, que circulou entre 20 e 26 de abril de 2014, é compreender como a mídia impressa religiosa, significada no religioso e no jornalístico, fornece elementos para a constituição de um imaginário sobre os corpos desviados.

A matéria, em sua chamada principal, faz um convite para que o leitor “saiba o que levou a bela Juliana Aires a ser tão agressiva e a ter adotado comportamentos masculinos”. O editorial vem acompanhado de imagens de duas fases distintas da vida de Juliana: em uma, ela se veste de acordo com o que se entende por roupas de homem, e na outra, ela se veste de acordo com o que se entende por roupas de mulher. Um “antes e depois”, respectivamente, tal como pressupõe o nome da coluna.

Este espaço “Antes e depois” não comparece no jornal todas as semanas. Apesar de o periódico ser semanal, a coluna é publicada como uma espécie de editorial especial, embora se encaixe “no modo de dizer ao leitor” que corriqueiramente se constitui no interior do jornal. Há algumas repetições em relação a outras colunas, na forma como a matéria se delinea.

Uma dessas repetições nas quais estamos observando um modo de operar peculiar do jornal reside na “insistência” em trazer a exposição do referente discursivo mesclado aos relatos de experiência de quem se fala. Ou seja, o colunista divide o seu dizer com o dizer de Juliana e com o dizer sobre Juliana, que é de quem se fala. Os três juntos constituem o dizer da coluna.

Observemos a primeira sequência discursiva recortada da matéria:

SD1: “‘Eu te odeio porque você se transformou em um monstro’. Essa foi a gota d’água para a universitária Juliana Aires, de 25 anos, querer mudar de vida. A sobrinha que ela criou desde pequena, disse isso depois de ter sido agredida por ela. Com um histórico de carência, complexo de inferioridade, envolvimento com drogas e agressões físicas, Juliana, em um momento de raiva, bebeu vinho pensando ser o sangue da própria sobrinha e do namorado dela. Um episódio que ela lembra com muita dor. ‘Ouvi uma voz que falava para matá-la enquanto ela dormia. Na hora não consegui, mas a voz insistia.’ E para não cometer um ato pior, Juliana decidiu mudar da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, abandonou a faculdade e foi embora para Morro Redondo, cidade próxima, para a casa do tio. Mas, depois de ‘cair na real’, a estudante pediu ajuda para a mãe, que, desesperada, levou a filha a um sanatório.” (*Folha Universal*, edição 1150, 20-26/04/2014).

Atentemos, na sequência discursiva acima, para a distribuição entre os dizeres do colunista e os dizeres da pessoa de quem se fala. Compreendemos que

essa prática se dá como um testemunho religioso, uma espécie de relato de experiência em que o fiel conta a provação sofrida ou a benção recebida no intuito de renovar a fé da comunidade através da experiência vivenciada.

Estando a comunidade representada, nessa circunstância, pelo leitor/fiel, a organização desses dizeres na forma como eles se constituem atua produzindo o efeito de verdade: além da voz do jornalista, em que fala o saber do especialista, e da voz do religioso (a IURD), em que fala a voz de Deus, há também a voz de Juliana, em que fala a voz da experiência vivida. Esse efeito de verdade decorre da tipologia discursiva (Orlandi, 1987): o discurso jornalístico e o discurso religioso são modalidades de discurso autoritário, tendendo a estancar a polissemia e anular a reversibilidade de posições (nesse caso em relação ao leitor/fiel). Compreendemos, além disso, que o testemunho religioso como um relato de experiência, constituindo-se no interior dessas condições de produção imediatas, caracteriza-se, igualmente, como um discurso autoritário, fato a partir do qual, para o leitor, é criado um imaginário de experiência individual, portanto incontestável e inequívoca.

Gostaríamos de destacar ainda nessa primeira sequência discursiva a forma como vai se delineando a utilização dos substantivos, dos adjetivos e dos verbos, os quais esquematizamos no quadro abaixo. Compreendendo que essas três classes gramaticais são, na ordem da língua, fundamentais para a estruturação sintática das sentenças; portanto, para a compreensão do texto, entendemos, em consonância com a Análise de Discurso, que a sintaxe não é indiferente ao sentido e que a forma material dessas classes gramaticais atua no estatuto da interpretação alimentando um imaginário que se fundamenta em memórias sobre o corpo tal como discutimos no item “reflexões acerca do objeto”.

Observemos, na tabela a seguir, algumas dessas marcas discursivas que se inscrevem a partir dos processos de substantivação/adjetivação e pelos operadores verbais seguidos de seus complementos:

medicina/psicologia	criminalidade	espiritualidade/ religiosidade/sentimento
monstro	transformou	odeio carência
complexo de inferioridade	ter sido agredida	
envolvimento com drogas		
bebeu vinho pensando ser o sangue da própria sobrinha		lembra com muita dor
	momento de raiva agressões físicas falava para matá-la	ouvi uma voz

Além de organizar a sintaxe, a disposição desses elementos atua no estatuto da interpretação, alimentando o imaginário que se tem sobre os corpos desviados através das memórias que retornam da forma como esses corpos foram significados durante a história. São três os domínios discursivos pelos quais esses corpos são significados: o domínio da medicina, o domínio do jurídico e o domínio do religioso.

Um dos primeiros operadores verbais que aparecem na sequência discursiva é, justamente, uma conjugação do verbo “transformar”. Além da marca discursiva que se coloca através do sufixo “trans”, há, no imaginário social, a ideia de “transformação”, em se tratando de pessoas transexuais. É a ideia de que se nasce de uma forma para se transformar em outra pessoa, ou seja, em transexual, tal como pressupõe a lógica heteronormativa.

A transexualidade é, nesse imaginário, um caminho pelo qual as pessoas vão de um determinado gênero ao outro e não uma característica qualquer como ocorre com a cisgêneridade. Apesar dessa memória sobre o “transformar”, o que se segue é um processo, na utilização do substantivo, que se dá através de uma metáfora. “Você se transformou em um monstro”. Em uma cadeia parafrástica possível a partir da leitura da matéria, o lugar em que comparece o sintagma nominal “um monstro” é um lugar possível para o sintagma nominal “um/uma transexual”. Isso se dá, sobretudo, pela forma como essa designação é significada na coluna “Antes e depois”.

De outro modo, com fronteiras não muito bem delimitadas e atravessadas por outras discursividades, os sentidos sobre a medicina, o jurídico e o religioso retornam intervindo na leitura dessas materialidades. Agressões físicas e desejo de homicídio são algumas das materialidades que fazem ressoar os sentidos sobre a transgressão do jurídico, isto é, sobre o crime. A escuta de vozes misteriosas comparece em uma mística característica da religiosidade. Os complexos, de que se fala, remetem aos sentidos da doença, ou seja, ao domínio da medicina. Há, no entanto, determinadas materialidades que se constituem no imbricamento dessas discursividades pelas quais são historicamente significados os corpos desviados.

Quando, na sequência discursiva, se enuncia o “envolvimento com drogas”, por exemplo, que se pode conferir tanto ao domínio da medicina, pela possibilidade da dependência química, quanto ao domínio da transgressão ao jurídico, pela utilização de ilícito, imbricam-se, sem que fique explícito ao leitor os sentidos sobre doença e criminalidade ao dizer sobre Juliana. Ademais, a colocação sintática do sintagma nominal o coloca em um deslizamento metafórico possível que vai da espiritualidade, perpassa o domínio da medicina, e chega à criminalidade: “carência”, “complexo de inferioridade”, “envolvimento com drogas e agressões físicas”, “momento de raiva”, “bebeu vinho pensando ser o sangue da própria sobrinha e do namorado dela”.

Analisemos, agora, a segunda sequência discursiva na qual o editorial se

coloca a contar “como tudo começou”.

SD2: “Com uma vida vazia, sem objetivos, Juliana se isolava de todos à sua volta, ‘vivía de aparência’ e aos 10 anos começou a sentir desejo de ser homem e passou a se vestir como tal, pois assim se sentia segura e protegida. Levando uma vida de mentiras, se envolveu com pessoas erradas e chegou a ser ameaçada de morte pelo pior traficante do bairro onde morava” (Folha Universal, edição 1150, 20-26/04/2014).

Nos dizeres do jornal, ao contar a história de Juliana, novamente se entrelaçam os três domínios que percebemos no funcionamento da SD1. Na SD2, esses sentidos se materializam no que está dito sobre o isolamento de Juliana, presentificando sentidos sobre angústia, depressão, além do “desejo de ser homem” significado no domínio da psicologia e do comportamento. Comparecem na ameaça de morte sofrida pelo traficante os sentidos sobre o envolvimento com a criminalidade. Por último, presentifica-se a religiosidade em um *modus operandi* característico da IURD como uma igreja neopentecostal, através da suscetibilidade ao “mal espiritual” em que encontra Juliana a partir de suas supostas confusões psicológicas e envolvimento com o crime.

Na SD2, portanto, através do encadeamento sintático, tal como pressupõe Mariani (1996), ao teorizar acerca do discurso jornalístico, organizam-se as direções de sentidos pelas quais é enunciada a condição de Juliana. Ao contar a história da jovem, o jornal, pela forma que enuncia, possibilita leituras a partir do que não está dito: o “mal” que se expressa no corpo de Juliana, caracterizando-a como um homem, advém de seu estado mental instável, de sua relação com o crime e de sua potencial rendição ao mal espiritual. A possibilidade da transexualidade não é dita, a não ser pelo “desejo de ser homem”, e fica apagada pela intervenção de sentidos advindos dos três domínios que até aqui temos comentado.

Na SD3, a próxima sequência discursiva, analisamos a forma como qualquer possibilidade para além da cis/heteronormatividade vai se estabilizando como sentido impossível.

SD3: “Toda essa necessidade de se ‘passar’ por homem escondia o fato de que ela era uma garota carente, sem referência de pai e com uma mãe bastante envolvida com o trabalho, o que fez com que Juliana convivesse apenas com o seu irmão e amigos dele. Quando sua sobrinha nasceu, a pouca atenção que recebia da mãe deixou de existir já que ela só tinha olhos para a neta. Com raiva disso, Juliana chegou a agredir a mãe fisicamente e passou a agir exatamente como um homem” (Folha Universal, edição 1150, 20-26/04/2014).

A sequência discursiva inicia-se com uma partícula indefinida “toda”, que funciona também como partícula indefinidora na sentença, ou seja, “toda essa necessidade” que não se sabe qual é, mas que funciona, pois estamos inseridos no

plano espiritual, decorre de: carência, ausência de referência de pai e do fato de a mãe trabalhar, por exemplo. A transexualidade não é um sentido possível de ser dito, ela fica apagada em um processo discursivo que perpassa o “se passar por” e não “ser, de fato”. A identidade de gênero para além da cisgenereidade, no imaginário da coluna, é enunciada como farsa.

Os sentidos advindos da heteronormatividade são fortemente presentificados nessa sequência discursiva. É através dela que, como vimos, funciona a ideia de família nuclear (pai, provendo o lar; mãe, cuidando do lar; e filhos). O fato de não haver pai e de a mãe trabalhar, por exemplo, é motivo para que a jovem esteja suscetível ao mal espiritual que, por sua vez, consiste em “agir exatamente como um homem”.

A última questão que gostaríamos de observar nessa sequência discursiva, mas que não se reserva a ela, marcando-se repetidamente ao longo de toda a matéria, é a relação de sentido dentro dos períodos e das orações que se dá por deslizamento metafórico. No último período enunciado na sequência discursiva, “*Com raiva disso, Juliana chegou a agredir a mãe fisicamente e passou a agir exatamente como um homem*”, o que se tem é uma relação de sentido possível a partir do encadeamento sintático, ou seja, a raiva, a agressão à mãe, e o fato de agir como um homem funcionam juntos e em uma contiguidade.

Esse efeito de sentido se dá, em grande parte, pelo funcionamento da oração coordenada: a oração coordenada assindética e a oração coordenada sindética aditiva possuem uma estrutura muito similar. A utilização de um mesmo sujeito, de verbos de ação e seus respectivos complementos permite, ainda que a conjunção seja aditiva e devido ao encadeamento sintático que veio se constituindo ao longo da sequência discursiva, a possibilidade de uma leitura a partir de uma estrutura conclusiva, isto é, “*chegou a agredir a mãe fisicamente [logo] passou a agir exatamente como um homem*”. Renova-se, dessa forma, a relação da identidade de gênero com a transgressão ao jurídico através do crime de agressão.

Observemos, agora, a quarta sequência discursiva recortada da coluna “Antes e depois” com a matéria que temos analisado:

*SD4: “Como toda verdadeira mudança não começa de fora para dentro, a estudante precisou sofrer muito para reconhecer que somente uma transformação interior poderia tirá-la daquela vida e foi o que ela fez. Certo dia, sua mãe a levou a uma Universal e, aos poucos, ela percebeu que as atitudes erradas que antes adotava estavam ficando no passado. E ao aprender o que é certo foi se livrando dos ressentimentos de ódio, mágoa, tristeza, angústia, vícios e do desejo que tinha de tirar a vida das pessoas” (Folha Universal, edição 1150, 20-26/04/2014).*

Nessa sequência discursiva destacamos que, assim como na SD1, reincidem

sobre os dizeres formulados, novamente, os sentidos sobre “transformação”. Todavia, diferentemente do que ocorre no funcionamento dessa materialidade na SD1, na SD4 fala-se sobre uma transformação espiritual, portanto, interior. Não por acaso, a estrutura sintática que envolve essa materialidade se inscreve também de forma diferente. Na SD1, como um verbo transitivo conjugado, a materialidade é seguida por um complemento que, como mostramos, possibilita um lugar cambiável através de uma cadeia parafrástica. De outra forma, na SD4, ao comparecer em uma forma nominal, o “atributo de se transformar”, em se tratando de uma transformação anterior, aparece tendendo à monossemia, ou seja, todo mundo sabe que tipo de transformação é essa e, aparentemente, não há outra possível que seja tão real e verdadeira quanto essa.

Novamente ressaltamos, através do deslizamento metafórico possível, o encadeamento sintático da sequência discursiva, em que: vestir-se como homem, não somente é enunciado como uma atitude errada, mas para se livrar disso foi necessário se livrar, como em uma injunção, do ódio, da mágoa, da tristeza, da angústia, dos vícios e do desejo que tinha de tirar a vida das pessoas. No imaginário que aqui se constitui sobre os corpos desviados através da história da jovem Juliana, vestir-se como um homem é algo de que se possa livrar tal como do ódio e do desejo de matar.

Finalmente, em nossa última sequência discursiva, analisamos como se dá o desfecho da narrativa, quando Juliana, de acordo com o que diz a matéria, já teve seu contato com a IURD e já teria compreendido que suas atitudes eram erradas.

*SD5: “Hoje, Juliana é virtuosa, segura e sem complexos. ‘Não tenho mais dúvida em relação à minha opção sexual. A Juliana agressiva que existia antes não existe mais, nem voltará a existir. Tenho paz com a minha família e alegria de viver’, comenta” (Folha Universal, edição 1150, 20-26/04/2014).*

Se por um lado, os sentidos de identidades de gênero e de suas expressões para além do modelo cisgênero não se materializam no editorial, por outro lado, nessa sequência discursiva eles aparecem confundidos com a noção de “opção sexual”. Ao trabalhar com a noção de “opção”, convoca-se para o imaginário sobre os corpos desviados a possibilidade de escolha no que se refere ao gênero e à sexualidade. Não obstante, se é uma escolha, uma opção, não se configura como uma “verdadeira transformação” tal como enunciada na SD4. Enunciar a expressão de gênero como opção sexual é, mais uma vez, um modo pelo qual funciona o apagamento das possibilidades para além do binarismo de gênero, ou da possibilidade da transexualidade no jornal.

De outro modo, e retomando os três domínios discursivos pelos quais os corpos desviados são significados, o imaginário sobre o religioso, o médico e o

jurídico seguem comparecendo. O domínio da medicina se inscreve a partir da noção de cura, advinda da expressão “opção sexual” – se o gênero e a sexualidade são características pelas quais se pode optar, é também algo que se pode reverter, anular, curar. O domínio do jurídico comparece através da não transgressão, ao enunciar a “nova Juliana” após o contato com a IURD no que se enuncia: “A Juliana agressiva que existia antes não existe mais, nem voltará a existir”. Por último, o domínio religioso se materializa na ideia da “Juliana virtuosa”, portanto gozando dos atributos de verdadeira fiel e de acordo com a doutrina religiosa após a cura espiritual proporcionada pelo contato com a IURD.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, gostaríamos de salientar que o objetivo deste trabalho foi uma análise discursiva sem qualquer pretensão prescritiva. Não nos colocaríamos na posição de dizer o que, em matéria de identidade e sexualidade, é mais conveniente ou não para a jovem de quem se fala. Pelo contrário, partimos do que diz o jornal, em sua materialidade significativa, para investigar as leituras possíveis e o imaginário constituído a partir do que está dito, e também daquilo que não está, mas que significa.

Os dizeres da coluna “Antes e depois”, da edição 1150 do Jornal *Folha Universal*, funcionam no imbricamento e nas intersecções dos três domínios discursivos pelos quais os corpos desviados vêm sendo significados: o da medicina, o do jurídico e o do religioso. Em sua forma de dizer específica e em seu caráter autoritário, sobreposto por um funcionamento do dizer no religioso, o jornal atua na circulação do imaginário sobre a identidade de gênero e a sexualidade.

O nosso estudo em Análise de Discurso no que se refere às questões de gênero e sexualidade tem ajudado na compreensão dos modos de significação dessas questões historicamente tão controversas no âmbito do religioso, mas que comparecem, retornam, como um dizer que não quer se calar.

Compreendemos, na ilusão de finalizar, que essa é uma análise possível, que mobiliza apenas alguns dos conceitos possíveis no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso francesa. Esperamos, com essa análise, contribuir para uma leitura menos conteudística e mais discursiva do funcionamento da linguagem em sua injunção à história e ao sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Althusser, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo: Biblioteca de Ciências Sociais/ Martins Fontes, 1998 [1974].
- Bard, Christine. “A virilidade no espelho das mulheres”, in: Courtine, Jean-Jacques. *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013, vol. 3.
- Campos, Lenildo S. *Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva*. São Paulo: Revista USP, 2003, pp. 146-163.
- Ferrari, Alexandre S. *A homossexualidade e a AIDS no imaginário das revistas semanais (1985-1990)*. Tese de doutorado. Niterói, LAS/UFF, 2006.
- Ferrari, Alexandre S. “Discurso e (homo)sexualidade”, in: Mariani, B. & Medeiros, V. (org.). *Discurso e...* Rio de Janeiro: 7Letras: FAPERJ, 2012.
- Foster, David W. “Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana”. *Letras: literatura e autoritarismo*, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.
- Klatau, Adriana. “Agia como homem para me sentir segura”, *Folha Universal*, edição nacional, 20-26 de abril de 2014. Antes e depois, p. 7.
- Mariani, Bethania S. C. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Campinas: Unicamp, 1996
- Miranda, Francielle F. “Heteronormatividade: uma leitura sobre a construção e implicações na publicidade”, *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 81-94, jan./fev. 2010.
- Orlandi, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2 ed. Pontes: Campinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 11 ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- Pêcheux, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*, in: Gadet, F. e Hak, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1969].
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7 ed. Campinas: Pontes, 2015 [1983].
- \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995 [1975].
- Zoppi-Fontana, Mónica G. *Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença*. *Artigo em revista*. Porto Alegre, UFRGS, 2013, pp. 246-282).

**Artigo recebido em 14/06/2017; aprovado para publicação em 11/07/2017**

**RESUMO:** Este artigo está ancorado na Análise de Discurso francesa desenvolvida por Pêcheux (1995 [1975]), e consiste na análise de uma matéria veiculada na coluna “Antes e depois” do Jornal *Folha Universal*, da Igreja Universal do Reino de Deus. Refletimos sobre o processo discursivo do jornal, sobre religiosidade, gênero e sexualidade. São analisadas seqüências discursivas da matéria com o objetivo de compreender como se constitui o imaginário sobre o corpo, tendo em vista questões de gênero e sexualidade, considerando ainda o funcionamento específico do discurso religioso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso francesa. Folha Universal. Gênero e sexualidade.

**ABSTRACT:** Based on the French Discourse Analysis developed by Pêcheux (1995 [1975]), this article consists of an analysis of a piece in the column called "Antes e depois" ("Before and After") at *Folha Universal*, the newspaper of the Igreja Universal do Reino de Deus. We reflect on the discursive process of the newspaper, church, gender and sexuality. The discursive sequences are analyzed in order to understand how the imaginary on the body is formed, considering gender and sexuality issues, and the specific functioning of religious discourse.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Folha Universal. Gender and sexuality.